

ESPIRITO E MATERIA

Deus e Espirito e a Verdade, afirma o Evangelho. Logo, o Espirito é infinito porque a Verdade, pois que a Verdade não pode ser alteravel. E a materia?

Mas existe, realmente, a materia?

Quem pôde explicar quando ella começa a ser, e quando acaba de ser?

Se materia chamarmos aos corpos mais ou menos densos, que são percebidos pelos órgãos dos sentidos, não poderemos negar a existencia da materia, porque esses órgãos, percebendo-a, não a dão o conhecer.

Ora, os sentidos são órgãos corporaes, isto é, uma causa material de efeitos physicos, e se a materia só é percebida por esses órgãos, segue-se que só para a materia e que a materia existe, e, portanto, sendo alteravel, não pode ser Verdade, não pode ser infinita.

O espirito comprehende a como um vehiculo transitorio de communicação de uns corpos com outros corpos.

De facto para que um corpo organiado perceba a que faz outro corpo organiado, carece de formas materiaes, isto é, de efeitos physicos, que lhe dêem a perceber.

Os espiritos, porém, podem communicar-se intuitivamente, independente de effeitos physicos.

Dispõem das potencias Memoria, Entendimento e Vontade de que usam com perfeita liberdade para a realisação de tudo quanto lhes apraz.

A propria materia depende do seu querer para ter essa existencia visual que os sentidos lhe reconhecem.

O meu órgão visual vê diante de si um objecto qualquer; mas o meu espirito não quer que os meus olhos o vejam; exerce a sua vontade sobre as minhas pupilas fechando-me os olhos, e o dito objecto fica completamente eliminado.

Só, porém, aproveitar ao meu espirito que esse objecto subsista independente da materia, elle o reproduz na memoria dispensando completamente a percepção do sentido visual.

E, pois, evidente, que, sendo a materia apenas uma percepção dos sentidos, não pode ella ser uma realidade verdadeira; e pois que as cores tambem são percebidas do sentido visual e nem por isso deixam de ser ficticias.

E se o daltonismo prova a inverdade das cores por demonstrar a inconsistencia dellas, tambem a para-

lysia prova a inverdade dos corpos por demonstrar a nullidade do tacto.

Os órgãos dos sentidos, por consequente, que percebem a existencia da materia, nada mais são que transmissores de vidaes formas physicas.

O espirito e o que visifica; a carne para, nada aproveita, afirma tambem o Evangelho.

E pondere se bem a sabedoria do Divino Mestre empregando o verbo — aproveitar — em vez do verbo — servir —!

Muita coisa ha na vida que, para nada aproveitando, serve, entretanto, para muito.

A Guerra, por exemplo, serve para muito, e não aproveita a humanidade para nada.

Assim é a carne, quer dizer, a materia: serve para que o espirito se manifeste physicamente; mas nada aproveita para o seu aperfeiçoamento, porque este é resultado do seu proprio esloço.

E julgo que nesta phrase do Evangelho está plenamente definida a infinidade do espirito e a finidade da materia.

VICTOR A. VIEIRA.

NINON DE LENCLOS

essencia da vida, que jamais os seus annos lhe a espedir. Já passava dos 50 annos e conservava-se joven e bella, atrahindo sempre os olhos da sua corte de baptismo, que folgava a cada dia do tempo, cuja vida embalsamava-se sobre um encantador pleromoma, sem que nunca a deixasse o tempo trazar. Muito verde nillal e via-se dirigida a dizer o bello rubugemo, como a raposa de La Fontaine diz as suas. Este segredo, que a celebre e egoista acastrajamaes embara a quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, desobrio o Dr. Lecointe entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, deussy Babouin, que fez pertida da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOINTE, Rue du 4-Septembre, 35, a Paris.**

Esta casa tem-não a disposição das suas elegancia, sob o nome de **ERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial a refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os produtos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contiam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVES SOURCILIÈRE

que augmenta, engressa e brança as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANDERALE DE NINON

para linura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem existir a verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as omiações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de dinque, de principio, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, asectina a epiderme, impede e destrúe as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva o suas côres lisas por meio do **Anti-Bolhos**, producto sem igual e muito contrafacto.

EMUNDO COM AS CONTRAFACTOES

Para ser bella a encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cecardos empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes está agados, aucte-os e lranque-os com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, c. Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra **TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE**

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança as **CRIANÇAS** a muito particularmente contra a **COQUELUCHE.**

Esigir a marca verdadeira: Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat

L. T. PIVER

Perfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO

A melhor o mais hygienico de todas as preparações para o tousoador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PASTA e ELIXIR

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

Por sua notavel concentração das plantas as mais uteis e as mais salutarias, a

AGUA DE MÉLISSE DOS BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Successor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de **Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncopes, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.**

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES





O JORNAL DAS SENHORAS

GRACIOSA

(A' Judith Lo o)

E' teu nome, Judith, uma verdade;
Lembra o nome da biblica heroína
De Holofernes a impávida assassina
Que aos hebreus outorgou a liberdade.

Parém tu que és formosa sem vaidade
(Talvez porque somente és menina);
Tu que a face pulcherrima e divina
Move somente ao riso e a piedade,

Tu, lyrio a que a innocencia hoje perfuma,
Da minha opiúção jamais te esqueças;
E ella de prophécia o tom assumia:

Tu, Judith gentil, não te entristeças;
Que não has de cortar cabeça alguma;
Porém—farás girar muitas cabeças!

Niteroy—1'90.

A. AZAMOR.

O reinado do canhão

Nunca te calarás, estúpido canhão? Monstro sem olhos e sem ouvidos, que só tens bocca para explodir a morte e para troar ameaçador; nunca te calarás? Não, não tens olhos para contempleres os montões de cadáveres que multiplicas, nem ouvidos para ouvir os rugidos das tuas victimas innumeraveis e os soluços desesperados das esposas e das mães; nasceste aleijão. Nunca te sacrarás, antropophago, que apenas tens fauces para devorar? Horrível serpente de bronze, dize que emetico e deram para nunca cessares de vomitar a destruição? Sabem-o todos; o emetico de uma insaciavel cubia de um indomavel orgulho. Nenhuma fera possui o teu instincto perverso. Qualquer carne sanguinea satisfaz o deito do tigre; só tu possues o instincto da carne humana, da carne dos bravos, dos filhos mais robustos e perfectos do Estado de quem fazes simples carne de canhão. Como a serpente, não avezas mãos nem pés; sendo paralytico, matas ao longe, parado, e ás dezenas por cada explosão.

As feras buscam o alimento, e a ti trazem-l'o um alimento feroz de pólvora e ferro, de que te atulham

faliamos é tudo quanto os meus olhos tem até hoje observado de mais sinistro e repulsivo em combinações fundidas de morte, a par das quaes seria um ideal de innocencia o estejo completo do insuigie operador, dr. Feijão.

Tudo isto a proposito d'esse esplendoroso feito do sr. Chamberlain, declarando a guerra ao Transvaal, depois de uma proposta de condições humilhantissimas, inaceitaveis para a dignidade e autonomia da republica transvaaliana.

Essa deelaração de John Bull foi um crime. O seculo XIX fecha com um crime e é, portanto, com sangue que vai ser baptisado o seu succedaneo. Triste e profundamente triste que o beijo do seculo vigesimo, logo no seu primeiro fluctuar encontre a recebel-o, não uma onda de luz, mas uma onda de sangueira.

Lá está troando mais uma vez o infame canhão, em homenagem a desmesurada ambição de um homem e de um governo, que, quando lhe parece, se rie, a boiar, da justiça, da humanidade, e das maximas sarpadas da sua *Holy Bible*. Espalha a Biblia, não commettida como a catholicoen, porque a commetta a tiros de peça... O commentario não explica talvez muito bem o sentido do texto. Ao estampido do monstro de bronze, já a appetivel paz toma o voo e emigra para longe. O lavra lor abandona no meio do campo o arado que abria os sucos destinados a receber e elaborar as sementes, os rebulhos turgidos de leite ou ricos de la correm espavoridos atravez dos despenhadeiros, os lares humanos, *hordidos* pelo canhão, caem esburacados e alluidos, as pobres mães escondeem-se com os filhos nas trevas dos subterraneos, o amor que gera cede o lugar ao odio que esteriliza; la onde pulbava a vida e redemoinhava o labor, vai parar o silencio gelado da solidão. Simplemente estúpido e brutal.

Sou hoje mais que nunca pela pacificação universal contra a guerra estabelecida como principio. Em geral, ou se trate de uma tribu ou de uma nação, a guerra procede das mesmas causas, da vaidade, do orgulho, ou da inibição, mais claro, da pillagem, seu mobil habitual. Ha so uma differença e é, que quando a pillagem e estuprada, não toma o nome reles de roubo, mas ostentou mais crivado de conquista, alluido no dictionario da *lana brava* No lundo e alho, uma cousa, a exploração do fraco pelo forte, e o direito inconfessavel do leão da fabula. A gloria das nossas desobertas foi muito mais para que as das nossas conquistas e n'este sentido muito mais correcta nos labios da Pama a pronuncia do nome de Gaba que o de Alfonso d'Albuquerque. Luiz XIV ou Anibal, Alexandre ou Pizarro, Bonaparte ou Fernando Cortes, grande conquistadores e... pintas rollasas, Honra nacional! Honra nacional! P'ntase eubusteira,

o esophago. As leas morrem e tu não morres, para sempre fizeres morrer.

O teu direito é a força e a tua obra civilisadora abateres milhares e milhões de vidas, com quanto, esteril como um penedo, seja incapaz de produzir uma so.

Não foi Deus que te fez, foi o homem que te inventou n'uma hora de febre homicida. Vives, ainda mal, sob todas as leis dos Estados, e não obstante, estis fora da lei. És o symbolo condigno da guerra e a realisação crenuda do mytho de Saturno devorando os seus proprios filhos. És a antithese odiosissima da alavanca de Archimedes. Elli sublevaria um mundo, tu o incrustas na selvageria. Não haver um raio que te funda e te inquite por todo o sempre, para que os filhos coroados do christianismo e de verda deiro progresso pregam, atravez da estrada desobstruida, a sua festiva e justificativa marcha triumphal, sem receio de tropeçar contra o teu bojo damnado!

Mas longe de declinar para a ruina, o seu reinado augmenta, progido em precisão de pontaria, em alcance de arrazamento, adquire, mercet de Krupp & Co., o coquetismo do acabado surprehendente da habilidade no genero do infernal, e o interior de um moderno vaso de guerra inglez ou

cuja traducção livre mas fiel e—sua proprio de um chele. Uma facção peçada de Frederico da Prussia sobre a Pampalou originou uma batalha sanguinolenta, e a verdadeira causa do combate alias tão esombroso de Aljubarrota, cuja recordação faz pensar o somno aos hespanhóes por diez dias, foi talvez aquelle teimo de desprezo com que o rei de Castella costumava introsear ás vezes D. João I e Nun'Alvares.

Admitto uma guerra defensiva. Explica-se. E' justa, necessaria, sagrada, e ano o protecção dos lares, de abrigar a nossa esposa e filhos, do pao, que lhes sustenta as vidas. Justa, digo, em quanto não for estabelecido um tribunal internacional de arbitragem, votado e admitto pelos Estados. A guerra defensiva, essa e na grande generalidade, não sempre, injusta e barbara. Porque e que os rusos declararam guerra aos turcos? Para se apoderarem de Constantinopla. Porque e que a Inglaterra fez guerra a China? Para impor o biblicamente? o fatal opio com que, emendado os *celestes*, se locupleta a si propria. Porque e que o vantees foram metter a sua force politica a seara alheia da pendencia de Hespanha com Cuba? Simplemente para se apoderarem da patria dos cubanos.

Do mesmo modo, porque é que Lord Chamberlain, impio de repente, sem ton nem som, condições humilhantes a republica transvaaliana, que o seu emento presidente não podia acceptar, e quebrando tratados precedentemente firmados com aquelle povo tão sympathico, tão inoposto e trabalhado? Para provar de mão posta com o vengussimo Cecil Rhodes, um conflicto biblico que viesse a fazer dos reinos deus de sua magestade britannica e dos de Lord Chamberlain, e sua esposa outros tantos bancos de ostras de diamantes. Pode elle sojismar como quizer o seu despotico procedimento. Pode subir a tribuna do parlamento e na neutralidade da sua attitude diplomática e alta declamar, de dentro da sua physionomia campada e da sua serenidade apolinea, que foi o ultimatum do presidente Kruger que o obrigou a acceptar a guerra. Os seus proprios compatriotas não governam entaes, os seus proprios collegas parlamentares e o publico todo em geral, sabem as mil maravilhas o que pensar d'essas cantigas inspiradas pela musa da politica machavelica que de Cromwell a Lord Palmestros e deste a Salisbury tem perpetuado em Westminster as tradições utilitaristas dos filheos do Norte.

São elles, os altos politicos, que quebram os vidros, *qui cas ent les vitres*, como se diz em França, e o pobite povo que os paga, primeiro por um tributo horrivel de sangue, depois por um augmento de impostos que o esmaga.

Não partilho mais os preconceitos que antes partilhava, não dieto mais que a morte dos soldados sobre um campo de batalha e honrosa e até digno de inveja. Quantos d'esses pobres soldados caem metralhas, sem terem conhecido o orgulho, nem sequer o motivo da lucta, e vão apodrecer no catre de um hospital, de typho, do escorbulo, das bexigas, do cholera, da febre amarella, da peste bubonica, de todas essas feias enfermidades que acompanham a guerra e formam o digno cortejo da infame rainha? Tudo o que a sociedade de lhes votara e a historia é, quando muito, um necrologio colectivo, que se resume na menção summaria de um algarismo. Pallida gloria, que em não quereria nem para o meu criado de servir. De resto, se gostares de algarismos, ali tem um, leitores.

O numero de victimas que a guerra realisoou n'este seculo eleva-se a quinze milhões approximadamente. Um numero bonito, e eloquente, como apologia do seculo XIX, tão grande e tão pequeno, não grande nem apostolo da pacificação universal Leão XIII, tão pequeno em Chamberlain.

A guerra depois de dois mil annos de christianismo é o Evangelho lançado ás chaminas e a segunda bofetada descarregada triamente, cynicamente sobre a face adoravel de Jesus, é o repudio social da sua obra divina e ingente, o retorno selvatico ao paguismo de César a epocha nefasta do despedramento dos homens, que fez uma divindade da pessoa de Marte; é o canhão desmentindo com a sua rouca e estúpida vozoria de pólvora e bala a sublime lei evolutiva da humanidade, e a lei da morte venerando a lei da vida, suprimindo berços para propagar sepulturas e substituindo a solução do progresso pela solução do nada.

Poderá algum objectar-me—mas a guerra é o corollario das nações ruins dos homens e estas nunca morrem. Bem o sei. Concordo plenamente em que as paixões do orgulho, da vaidade, da cubia nunca morrem. São ferimentos que estacionam la seis mil annos no (nos) estomago e que elle até agora ainda não souu digerir nem digerir de futuro. Mas que impossibilidade haverá em que um dia, embora este so chegue daqui a 30 annos, se liquidem por um tribunal internacional e arbitral as pendencias que até hoje tem sido liquidadas pelas armas? Não é isto uma utopia, porque o facto da arbitragem em tempo ainda não organizado se tem deo e nada menos de 5 vezes, desde 1890 até 97. As *Arbitrations de Paz*, fundadas em 1888, estão hoje em grande actividade, alentadas pelo augusto verbo do Cezar, e os seis congressos annuaes de Geneve e Berna se realisam, de facto, por um accordo geral e permanente o que já se tem effectuado incident e passagelmente, quando n'isto vai o interesse basico dos Estados, o qual não pode ser o da guerra que exterminia sempre o da paz que fomenta a prosperidade das nações.

Desse gerar de semelhante resultade seria despetar da humanidade, ou ignorar que a utopia de hoje se dá nome se lhe p de dia) e a realidade de amanhã, desde o tempo em que o allibsy descobriu o esmalte da porcelana e Stephenson o automovel da locomotiva, que mudaram o gathada na larynge dos seus zombeteiros incredulos.

De longe, pois, saúdo o dia venturosos, embora tardio, em que de todas as espadas, e de todas as bayonetas se farão socos de charruas; o dia em que no amor reciproco dos homens e no clarão luminoso da

sciencia seja absorvido o relampago fulminante do canhão. Poder-se ha então tomar uma folha de papel bem alva, bem pura, do mais fino papel *diplomata*, e sobre ella inscrever a primeira data do verdadeiro

progresso da humanidade, incarnado na transcendencia do direito e na realidade do facto.

PADRE SENNA FREITAS.



CONFISSÃO INVOLUNTÁRIA

A PASTORA

(Luiz Pistorius)

Formosa e pura, encantadora e santa,
Santa e formosa, encantadora e pura
— As mais mulheres, em primor, supplanta,
Supplanta as mais mulheres em cantiva.

A sua voz os passaros supplanta,
Quebranta os lyrios sua doce alvura :
— Formosa e pura, encantadora e santa,
santa e formosa, encantadora e pura.

E oh! quem a vira, assim que a não amara,
Quando contente entre o rebanho, canta,
Canta ao surgir do madrugada clara ?!

Deus te conserva, oh meiga creatura :
— Formosa e pura, encantadora e santa,
Santa e formosa, encantadora e pura!
(Do *Bau Olim*.)

SAUDAÇÕES

Gentilissimas leitoras.

Com este numero encerramos o nosso tirocinio do anno que findou e, seguindo a mataria, do seculo que tambem nos disse adeus e de que não temos saudade.

Seculo supposto das luzes, não foi elle outra coisa senão a oca do industrialismo feroz, do mercantilismo abjecto! Até nos seus ultimos arrancs, assistimos a uma coisa brutalissima: o assalto a dihas nações novas e prosperas, mas tracas pela pequenez, por uma potencia riquissima e poderosissima.

Seculo das luzes! Mentira! Seculo da descrença, da falta de fé, do egoismo!
Sciencia!
Conhece a leitora cousa mais vana do que essa palavra, com que o orgulho dos enfezados atheus tudo procura explicar, desde os estudos de laboratorio até os mais elevados proceitos de moral?

Sciencia!
Quanti gente, estudando-se a si mesma, não vendo o vazio, a esterilidade de sua alma, não tem excomadado, em um assomo de sinceridade:

— Mas de que me serve essa sciencia que não me consola, que não me araleuta a alma? De que me serve ella na sua presumpção de tudo alcançar, sem se lembrar de que o seu dominio e o relativo e o coração só pôde viver do absoluto, porque para isso e que elle foi feito?

Eis o que nos lega o seculo XIX.
Sciencia!
Desculpem-me as gentilissimas leitoras; era preciso que eu desabafasse contra esses cem annos de corridos em que, ao lado de um grande progresso de coisas materiaes que atravancam o mundo com terros velhos, nada absolutamente se fez na ordem moral.

Nenhum de nos vora o fim do seculo XX; em todo o caso, como a a esperança o alimento da vida, façamos v-tu para que ao menos os que nos succederem encontrem tempo mais christão, mais religioso, em que seja o temor de Deus o principio da sabedoria, no phrase de Salomão.

Nós cá estamos na brechta, dispostos a lutar, como sempre, alentados pelo favor das firmosas patriacas que nunca deixaram de nos acudir com o seu efficacissimo amparo.

Senão nos, pelo menos *A Estação*, pretende chegar ao fim do seculo que começa, e então será uma folha digna das sympathias das netas ou bisnetas das vossas actuaes protectoras.

Não se assistem com a perspectiva de idades tão adiantadas; ate lá não nos doa a cabeça.

E com essas modestas linhas aqui deixamos consiguados os n'ossos respeitos e os protestos da nossa sincera consideração.

Boas emendas a todas!

Aviso ás nossas assignantes

A' nossas gentilissimas assignantes cujas assignaturas terminam com o presente numero, rogamos-lhes a fineza de mandal-as reformar sem demora, *si é que já o não tenham feito*, para não haver interrupção na remessa dos numeros que vão sahindo

M.^{me} Gazzaniga & M.^{ella} Bier
COM ATELIER DE COSTURAS

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SOBRADO)

Encarrega-se de Lutos,

Encorras para Vestimentos

e todo e qualquer trabalho

concernente á sua arte

RIO DE JANEIRO

Quem quizer sortir-se de louças, porcellanas, crystaes, vidros, ferragens, lampiões, objectos de phantasia, em summa de tudo quando é indispensavel « á copa » de uma casa de familia, deve dirigir-se de preferencia á casa « La Faience », do Sr. Theotonio de Oliveira, á rua Marechal Floriano Peixoto n. 129, (antiga larga; de S. Joaquim).

Freguez que ali vá, não sae sem fazenda, tal é a amabilidade do proprietario, a superioridade da lazenda e a modicidade dos preços.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'essas são demonstrada pela perfeição do trabalho, justa adapção e grande toleração de todos queas tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. L. H. Ebert

DENTISTA A AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1 andar.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

DE

Fertim de Vasconcellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Americano, pas de quatre de J. Reis ... 1\$700
- Bein sei que tu me desprezas (com poesia, 1.^a edição valsa ... 1\$700
- Borboletas, quadrilha de E. Couto ... 1\$500
- Adejos, schottisch grande successo) de C. Marques ... 1\$500
- Amoros de Sinhá, polka (3.^a edição de J. Cinha ... 1\$000
- Cubana polka de J. G. Christó ... 1\$300
- Desvaneco, valsa de A. Cavalcanti ... 1\$800
- Engrossa, lundú (com letra, 1.^a edição ... 1\$500
- Esannara, valsa de C. Marques ... 1\$200
- Garrula, schottich de O. Lacarda ... 1\$500
- Imacy, valsa de B. Nunes ... 1\$000
- Lol, pas de quatre (word) de C. Marques Meus oito annos, valsa (com letra) 6.^a edição de O. Carneiro ... 1\$300
- Monte Christo, valsa cigana de Kotlar ... 1\$000
- Nirvana, valsa de Oscar Carneiro ... 1\$300
- Minha querida, (successo) valsa de A. E. Costa ... 1\$500
- Ninas toreras, valsa de A. Cavalcanti ... 1\$700
- Papai, mamãe, valsa de J. Barros ... 1\$500
- Sempre constante, valsa de A. Keller ... 1\$500
- Os teus olhos me seduzem (successo) valsa de Evora Filho ... 1\$000
- Triste como eu ... 2.^a ed.) valsa de Evora ... 1\$300
- Ulanorntana, valsa de C. Marques ... 1\$300

Remetten-se encomendas para o interior juntamente com o **brinde** mensal que a casa offrece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangue**.

XAROPE DELABARRE
(DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico *recomendado* ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALDESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS
de Bⁿ BARRAL

Recomendados pelas sumidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCCESSOS.

FUMOZE-ALDESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS

Esija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE

FUMOZE-ALDESPEYRES, 78 Faubr St-Denis, PARIS e em todas as pharmacies

CRÈME SIMON
PARA CONSOVAR ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Galveterios.

Desconfiar das Imitações.

AMOR

Perfido amor, que as vezes nos enlevas
ao goso, e vezes mais a dor nos lanças,
és feito de promessas e esquivanças,
e nos enlevas e nos desenlevas...

Levas á calma e ao desespero levás,
nos iludés com sonhos e esperanças:
Esperanças que são desesperanças,
sonhos de luz que são sonhos de trevas.

Em ti nenhum mortal feliz existe
que estando alegre não esteja triste,
— O coração cheio de cicatrizes.

Porque num beijo afaças e maltratas,
e dando vult a um tempo a um tempo matas,
fazendo dos felizes—mizelizes.

CELINO DELIO.

A primeira locomotiva

Em 1825, expoz-se, em Paris, debaixo da varanda do palacio das Artes, uma machina estapafúrdia, pesadona, quasi ridicula, que lembrava as elegantes e esbeltas locomotivas, como um insecto ventruado e lerdio lembra uma borboleta.

No entanto, todos lhe tiravam o chapéo, porque essa velha e abandonada caldeira, pejada de inextricaveis rodagens, foi a primeira locomotiva que rodou sobre um caminho de ferro: essa carcomida e inforte carcassa de ferro mudou a face do mundo.

No começo do seculo XVIII ha-se este cartaz affixado nas paredes da cidade de Londres:

A partir de 1.º de abril de 1703, pede-se a todos quantos desejem ir de Londres a York ou de York a Londres, se dirijam ao *Hotel do Cysne Negro*; ahi encontrarão uma diligencia que parte ás segundas, quintas e sextas, e faz toda a viagem em quatro dias, *se Deus o permittir*.

Em 1763, entre Edimburgo e Londres não havia senão uma só diligencia que gastava 15 dias na viagem. A estrada entre Liverpool e Manchester não se lambia com melhor serviço, e, ha um seculo, escrevia Young:

«Aconselho muito a serio os viajantes a que empreguem os melhores esforços para evitar esta maldita jornada, porque ha mil probabilidades contra uma para que não quebrem o pescoço, ou, pelo menos um braço ou uma perna»

Manifestamente, não podia durar um tal estado de cousas, e o descontentamento publico explodiu, graças ao que, e a uma serie de comicios e de representações, se constituiu uma companhia para a construcção de um caminho de ferro entre Liverpool e Manchester, destinado a mercadorias.

Entendamo-nos, senhores, entendamo-nos: não se tratava de locomotiva, nem de vapor, mas somente d'um caminho de *rails*, tendente a evitar os barrancos e os solavancos, e em que a substituição d'uma superficie plana e polida pela desigualdade das estradas ordinarias facilitasse singularmente a tracção das carroças. Mas, ao terminar-se esta via, discutiu-se o genero de motor que deveria ser adoptado para o seu serviço; uns, os retardatarios, eram pelos cavallos; outros, os avançados preconizavam a machina de vapor fixo, empregada como rebocador. Um engenheiro de Manchester, chamado Stephenson, nome que ficou na historia, gabava uma machina de sua invenção, a qual, dizia elle, substituiria os cavallos, e, levando consigo o seu combustivel e a sua provisão d'agua, percorria, numa hora, uns vinte kilometros.

Resolveu-se recorrer a um concurso, e seis mezes depois, a 6 de outubro de 1825, via-se desfilar numa planicie cerca de Liverpool, em presença d'um jury de engenheiros e d'uma multidão de curiosos, a mais original procissão que se possa imaginar. Era, puxada a braço, uma serie de machinas extravagantes, precedidas umas de varas para a atrelagem de cavallos, armadas outras de metletas de ferro, que se levantavam e abaixavam a cada volta da roda. A primeira a entrar na arena é a *Fusée*: com uma velocidade de seis legoas á hora, desloca um peso de doze

toneladas e obtém, desembaraçada de toda a carga, uma velocidade e *maxima* de quarenta kilometros. Houve uma commoção um enthusiasmo indiscriptiveis: a maior parte dos concorrentes deliberaram retirar-se do concurso e o premio foi adjudicado, por aclamação, a *Fusée de Stephenson*.

É agora ella velha, fora da moda, quasi grotesca, com a sua forma deslegante, as rodas muito desviadas, o *tender* ingenuamente carregado de uma barrica de agua reservada á caldeira.

Mas teve as honras do triumpho, gosou-as, oh! se as gosou, e as suas actuaes e lindas netas, se não lhe foram pedir a benção *sua benção, minha avó!*— e porque a sua incansavel freina d'isso absolutamente as impediu, e a propria velhota teria sido por certo a primeira a reconhecer que as *pequenas* não podiam faltar á sua obrigação, que é de correr, correr sempre, numa ancia de espaço fumegando, silvando, arquejando: *pouca terra! pouca terra!*

AVE-MARIA

Ave, Maria! Senhora,
Dos desgraçados al rigo!
Cheia de Graça, contigo
É Jesus,—Nosso Senhor!
Bento és tu entre as mulheres,
O' ser sublime! impoluto!
Bento é do teu ventre o fructo!
Ave, Mãe do Redemptor!

Santa Maria! refugio
Dos afflictos peccadores!
Escuta os nossos clamores.
Roga por nós a Jesus!
Agora, e na hora extrema
Da nossa morte, Senhora,
Sê a nossa protectora!
Sê a nossa Guia e Luz!

VICTOR A. VIEIRA.

AZULEJOS

— Uma esnola para uma pobre coça que perdeu o marido de bexigas...

— Como? Pois você não me disse que seu marido tinha morrido de uma queda de um andaime?

— O que quer, meu meu devoto; uma desgraça nunca vem so.

Um sujeito, para fugir ao recrutamento, fingiu-se surdo

O official, querendo polo em prova, perguntou-lhe ao ouvido:

— Mas o senhor não ouve nada, nada?...

— Nada, nada, nada, seu tenente.

— Accusado, porque assassinaste o barytono, teu visinho?

— A força irresistivel, sr. juiz... a tentação do thezouro.

— Como? o pobre diabo não tinha vintem no bolso?

— Seja, mas me tinha confessado possuir um milhão na garganta...

Entre grammaticos:

— Nunca vi governo não impostor!

— Por que?

— Todo o dia lança novos impostos!...

SONETO NEPHILIBATA

«Orchidea apapolada que enforece
o Missal fremebundo desta vida!
alma hostada, alma de Luz e Prece
cheia de Graça, Casta e Bem Querida;

olhar de castigal,—amortecida
luz que a paixão conceitpente aquece,
sagrado alento da alma enegrecida
no amargo dissaboi que a Magoa tece!

Deusa pagan, caliginoso cactus,
crysanteimo que oscilla como o Stractus
num coo de maio, cor de porcellana;

boeca romanica, de cereja e loiro
onde fasmam trinta dentes de ouro:
—sanguesuguetta esta paixão tyranna!»

OS TORTURADOS

Esses que vedes macilentos,
de olhos douridos e apagados,
passam por todos os tormentos
sempre tristonhos e calados.

Agora—vivem applaudidos,
mas que applaudidos—invejados;
mas cil os logo repellidos,
não repellidos—calumniados!

Alma de luz—são sonhadores
que em sonhos vivem mergulhados,
sofrendo assim tremendas dores
porque são bons—mas invejados.

Duros caminhos vão descendo
eternamente caluniados,
em negros calices bebendo
o vinho e fel dos desgraçados.

E cil os que passam macilentos
de olhos douridos e apagados,
os pés—em charcos lamacentos,
a fronte—em mundos constellados.

CELINO DELIO.

Nostalgia da Dór

Vendo-se orphão, rico e livre, o visconde pensou no que pensam todos os homens aos vinte e cinco annos.

Pensou no amor. Pensou em constituir familia de eleição, familia que fosse inteiramente sua, uma d'essas familias que so se compõem de um homem e uma mulher e que não obstante, são todo um universo...

Uma mulher!... Uma mulher!...
O visconde não comprehedia a vida sem uma mulher... E durante os tres primeiros mezes da sua orphandade, todos os seus pensamentos e calculos, foram devaneios, sonhos d'amor.

O mais urgente era fabricar um ninho mysterioso e galante, um palacio que fizesse pensar nos Triantos diminutos das damas do seculo XVIII, o que fosse ao mesmo tempo de campestre e eminentemente luxuoso, com muitas sedas e muitas alfombras no interior; com muitas arvores fora, e entre as arvores muitas estatuas brancas, e logo uma infinidade de carreirinhos discretos, curveteados e algumas grutas entre espessuras de flores, e tambem um lago, em que vagassem cysnes do Norte e gondolasinhas venezianas...

O visconde era um d'esses seres violentos, que se refugiam no sentimentalismo por odio da existencia vulgar do nosso seculo, e que vão de esperanza em esperanza, levados pela chimera, preparando minuciosa e mathematicamente, a realisação dos seus desejos singulares, sem atrever-se jamais a passar dos preparativos A realidade meltilhe medo. A lucta hypocrita e habil da vida social, encontrava-o sempre disposto a deixar vencer-se sem resistencia. Não comprehendia senão as antigas, as francas, as nobres e epicas luctas de que fallam os romanticos poemas de Victor Hugo e as novellas cavallehecas de Alexandre Dumas.

A sua verdadeira vocação era a guerra,—mas não a guerra moderna feita por cobiça, ordenada como um jogo de xadrez e composta de problemas algebricos, mas a guerra a Luiz XIV, valente e cortez, heroica e galante, cheia de aventuras pittorescas, cruel sem barbaridade.

Quantas vezes nas suas horas de febre vaidosa elle mesmo se imaginava vestido de seda e selim e de rendas, a frentes d'uma columna de soldados genioshomens, com o tricorno na dextra, dizendo ás suas tropas, momentos antes de travar a lucta: «Senhores, vamos ter a honra de bater-nos!...» Quantas vezes, nos seus devaneios delirantes, não sonhara a entrada victoriosa, depois de ruidosa peleja, na cidade inimiga, debaixo de uma chuva de rosas e de louros!... Elle teria incendiado, teria matado, teria sido heroico, sanguntario e magnanimo como tanto que merecesse um sorriso, uma grimalda, um applauso.

Mas fihna nascido muito tarde, e so julgava que havia um refugio para se subtrair á vida democratica e odiosa do seu seculo. — Esse refugio era o sentimento

Porque, depois de ter desejado com tanto ardor uma companheira doce e sensitiva para completar a ventura de sua liberdade e riqueza se tinha ligado com essa enladrada Lulu, dos Dufos Panssiens, cujos grandes olhos azues, claros, quasi brancos, pareciam dois lagos em que se haviam afogado as almas de muitos poetas?

Nem elle mesmo sabia dizer porque; talvez por culpa da Fatalidade.

Uma noite, saindo do theatro, o visconde os conduziu a todos ao seu Tritonon para inaugurar a sala das festas.

Durante a ceia, o serviço foi feito por Mauricio Noel, um jornalista que tinha a especialidade de misturar salubriamente cinco vinhos distintos no mesmo copo... para de uma vez só se beberem cinco coisas boas.

Concluida a ceia, todos se levantaram. Eram quatro da madrugada. As mulheres procuraram o braço dos homens, com movimentos felinos e automaticos sacudindo a cabeça, como para acordar qualquer coisa que lhe dormia dentro... E logo todos desfilarão, andando lentamente, pallidos, quasi mudos, deixando atraz oco das cadeiras nervosas...

So Lulu ficou sentada.
Hoje, não me sinto com forças de ir para casa...

Fico.
E, com effeito, n'essa madrugada não foi para casa. No dia seguinte, tambem ficou. E um mez depois, nem ella nem o visconde tinham saído do perfumado refugio, onde havia um lago com cysnes do Norte e gondolasinhas venezianas.

Os tormentos do visconde augmentavam a cada instante. Eram tormentos monotomos, ridiculos, cheios de humilhações; tormentos nervosos que iam relaxando todas as fibras magicas do seu temperamento; tormentos de ciúmes, que fazem rir a muitos e que ás vezes matam um dos que ri.

Lulu não era dura, nem grosseira, nem aspera. Quando se acercava d'elle, tinha sempre nos labios um sorriso florido de promessas. Quando sahi juntos, todos os olhares carinhosos eram para seu deo e senhor. Repreendê-lo, teria sido expôr-se a representar uma d'essas comedias em que o juiz tem de pedir perdão ao accusado. Assim, o visconde fugia, por systema, de todas as opporrtunidades proprias ás explicações, e continuava soffrendo, em silencio, as magoas e pesares miseraveis do seu amor e ciúmes.

Se ao menos pudesse encontrar-se frente a frente com o rival! Se um d'esses amigos que nunca faltam, lhe desse uma prova da verdade... Mas não; prova material não havia nenhuma.

Ludo eram suposições; olhares surpreendidos no theatro; gestos rapidos entre si no jardim; nada de serio, enfim. Comido, tinha a certeza de que era verdade, de que todo o mundo zombava d'elle.

Mas, que fazer para a despedir, para a pôr na sua honradamente? Porque, para o visconde, que tinha ainda nas veias algumas gotas de sangue feudal, o perdão não existia. Os que a uma noite de bebedeira lhe juravam amizade e logo chamavam «senhor», pareciam-lhe indignos de lhe apertar a mão. Aos que n'uma hora de loucura lhe offereciam amor eterno e em seguida sorriam cumprimentando outro, eram para elle, «monstruos perjos». O seu vocabulario tinha a mesma idade que sua alma: mil annos.

O que, de vez em quando, trazia uma nota cor de rosa a sua pobre vida cinzenta, eram as cartas do tio, o marechal, pae de Laura.

Laura!... A prima Laura!... Este nome evocava no cerebro do visconde todo um universo de doce amizade, de tranquillo carinho, de casto amor. Se tivesse casado com ella!... Se soubesse!... Se pudesse!...

Cada vez, quando a carta chegava, o amante de Lulu não conseguia dormir sem sonhar com a ventura de ter verdadeira familia e na alegria de não soffrer, de não duvidar, de não desprezar a que vive a nosso lar...

Mas o problema de abandonar a outra não tinha, para elle, solução nenhuma.

Final, a propria Lulu o resolveu sem que ninguém lho aconselhasse, fugindo com um mediante estroina para a procurar fortuna na America.

Um mez depois, o visconde e a prima casaram... E no mesmo dia das nupcias, ao sair da igreja, enquanto a noiva, vestida de branco, sorridente e simples, olhava com admiração o seu ninho agreste e encantador, o visconde, cuja alma tinha sido feita para soffrer, comprehendeu que acabava de perder a unica fonte de actividade de que podia dispor, a actividade da inquietação sentimental, e que a partir d'esse momento a existencia tranquilla da verdadeira familia, seria para elle tão vazio, tão solitaria, tão gelada, como o leito em que a Lulu dormira pela ultima vez.

Trad. FRANCISCO MYSTERIO.

NA ROÇA

Melancolica e lenta a noite desce;
E a grande sombra os valles e os caminhos
Enche, e domina, emmudecendo os riuinhos...
A lua, argentea, no horizonte cresce...

Que paz profunda! A prateada messe
De estrellas pesca pelo azul; carinhos
Sobem da terra em doces torvelinhos,
Nas azas de oiro de invisivel prece...

Na sombra e no silencio recolhida
Setimas, errando o pensamento incerto
Por sobre os sete circulos da Vida

E da oida humana libertada a custo,
— Alma! como do céu te sentes perto
Na Cathedral deste silencio augusto!

LEONICI CORREIA

Mozaico

Uma patroa, a pedido da creada, escreve uma carta a familia desta. Ao terminar, pergunta-lhe:

- Não tens mais nada que dizer a teus paes, Joaquina?
- Agora, só isto, minha senhora. Peça-lhe desculpa da letra e da falta de orthographia.
- Então não cumprimentas o Edward!
- Não Deves lembrar-te que esteve para casar com minha mulher.
- E isso que tem?
- Tenho-lhe raiva, porque foi mais esperto do que eu.

Em um collegio de meninas. A directora para uma vigilante:

- Está todo o dia a receber cartas; será por acaso algum namorado?
- Não, minha senhora.
- Então, de onde e que lhe vêm essas cartas?
- Nem em sei, minha senhora; são todas anonymas.
- Mas a senhora todos os dias responde!
- E' exacto; mas tambem respondo em cartas anonymas.

Uma viuva vai a uma sessão spirita e faz evocar o marido, que não se fez de rogado.

- Como vae?
- Muito bem.
- E's feliz?
- Muito, muito mais do que durante os vinte annos que estiveis juntos.
- Estas então no jaraizo celeste?
- Não; estou no inferno.

LONGE

(A' Smlia)

« Longe de ti, do teu olhar distante »
passou os dias como se passasse
vendo perto e risonho o desmilce
do meu amor feliz, dulcificante.

Via-te sempre, embora que fugace
fosse a illusão que tinha nesse instante,
quando dormindo eu era de flagrante
pegado em sonho te beijando a face.

Via-te sempre, até me parecia
que a proporção que a sorte me levava
para longe, mais perto inda eu te via,

no entanto, agora que eu voltei e avara
paixão tornou-te de entre amante escrava
que tamanha distancia nos separa.

Porto Alegre — 99. ERNESTINO MAZZA.

CHRONIQUETA

Rio, 27 de Dezembro de 1899.

O assumpto da actualidade são as eleições para de putados e senadores federaes, que se realisarão, se Deus quizer, no ultimo dia do anno.

Não que parece, vão ser realizadas essas eleições. Já tivemos a amostra ha poucos dias, no Conselho Municipal, quando se procedia á escolha e nomeação dos respectivos mezarjos: um dos candidatos e um dos conselheiros chegaram a vias de facto. Emprego a expressão mais decente que a nossa lingua fornece para substituir o vocabulo *puacudaria*.

Os candidatos são muitos; se não fosse o receio de desagradar as leitoras, recorrendo a uma philheria sedica, eu diria que são tantos quantos costumam ser os electores.

A *Tribuna* publica diariamente a vera effigie de cada candidato, mas com certeza até o dia 31 não terá tempo de completar a galeria.

O Prefeito Municipal prohibiu terminantemente que os empregados da sua jurisdição se envolvessem em quaisquer meios electoraes, sob pena de demissão.

Isto á primeira vista parece um assomo de autoritarismo; entretanto, reflectindo bem, dou toda a razão ao Prefeito, porque, na realidade, as eleições federaes, segundo a voz corrente, sempre foram feitas ao talante do pessoal da municipalidade e da policia.

Ja o Prefeito demittiu dois ou tres funcionarios da sua repartição que tambem se apresentam a disputar a victoria das urnas, e não faltou ao Dr. Cozario Alvim o famoso «Não pode» com que nesta capital é costume zombar impudicamente da auctoridade.

Não estou bem ao facto da lei; mas não ha duvida que, haja ou não haja disposição decretada a esse respeito, não é decente que funcionarios municipaes de certa categoria sejam candidatos p' licticos. O funcionario zeloso e digno pode prestar servicos ao seu paiz sem ser puelleo ter uma cadeira no Congresso, não acham?

Sim, mesmo porque um bom funcionario sempre é mais util que um mau congressista. E os maos congressistas não faltaram, infelizmente, na legislação que terminou.

Alguns delles pedem a renovação do seu mandato. Não serel eu quem vote nestes pãndegos.

O acontecimento do dia e o barbaro assassinato de uma senhora e dois filhinhos, commettido por... Mas

para que venho eu falar em semelhantes factos as leitoras da *Estação*? Não basta ter já umidade de eleições?

Entretanto, que ha de fazer o chimista fluminense? A pouca capital tem-se tornado de uma melancolia aterradora. Não ha um assumpto alegre com que encher quatro ou cinco iras de papel. Não se dão bailes, ninguém vai nos theatros.

O povo ainda triste como a rila afflicta, e, para mais entristecê-lo, a Santa Casa, de accordo com o governo, acala de elevar a preço dos entorros.

Ja se não podia viver; agora não se pôde tambem esticar a canella. Seja tudo por amor de Deus.

Uma prova da apathia dos animos
Ante hontem inaugurou-se a exposição dos trabalhos dos alumnos da Escola Nacional de Bellas-Artes. Estiveram presentes ao acto, além do pessoal do estabelecimento, o secretario do ministro do Interior e tres ou quatro pessoas!...

A proposito:
Partiu para a Europa o conhecido pintor brasileiro Teixeira da Rocha, que vae aperfeiçoar os seus estudos em Paris, onde conta demorar se tres annos.

Teixeira da Rocha pretendeu e recorrer ao premio de viagem. Não o conseguiu, por ter excedido a idade regulamentar; mas um homem de bem, ur grande coração, um verdadeiro amigo da arte e d' artistas, o Dr. João do Rego Barros, offereceu se pa substituir o Estado, e tomou a si o pagamento da passagem que o artista receberia se lograsse o que sejava.

Ora, como para ser um grande artista, Teixeira da Rocha, desenhador de primeira ordem, não precis mais do que essa viagem, do que esses tres annos d' familiarisação com o mestres, o Brasil deveria ao Dr. Rego Barros alguma coisa mais do que a certos politicos que no seu foro intimo se julgam com direito a uma estatua.

En quizera escrever aqui alguma coisa sobre a guerra do Transwall, mas falta-me o espaço. Entretanto, sempre tenho espaço para tres palavras: Vivam os boers!

ELOY, O HEROE.

THEATROS

27 de Dezembro de 1899.

A companhia Dias Braga, que continua a justifica o titulo do theatro Variedades, deu-nos, entre outras *repriees*, a da buileta de Eduardo Victorino, *Mil contos* a qual appareceu com outro titulo, a *Roda da fortuna*, modificada em varios pontos para melhor e com um desempenho mais acceptavel.

A peça agora tem graça e recommenda-se, como a se recommendava, pela bonita musica de Nicolino Milano.

No mesmo theatro e pela mesma companhia tive mos ha dias a representação da *Bejogosa*, drama extrahido do famoso romance de Alexis bouvier *La belle grelle*, traduzido por Orlando Teixeira.

E um dramalhão com todos os matadores para agradar ao publico fluminense, que dá o castanholo pela situações patheticas e violentas. Acariduo bastante, e promette conservar se durante muito tempo em scena.

E para lastimar que a empresa Dias Braga, tão animada do louvavel desejo de formar um repertorio artistico, só consiga atrahir o publico a theatro quando lhe offerece peças desse genero.

Em todo caso, a *Bejogosa* offerece aos principaes artistas da companhia ensejo de mostrar a sua habilidade.

Os *Ministros do interno* já largaram as pastas, e foram substituidos no Recreio, pela comedia *Milho para dous*, que não posso recommendar ás leitoras da *Estação*.

No S. Pedro continua a dar espectaculos a companhia equestre e acrobatica dirigida pelo artista brasileiro Anclises Pery, que é, no seu genero, insigne.

X. Y. Z.

Novidades Musicas

Recebemos e agradecemos:

Vieira Machado & C. — *Othha*, schottisch de America E. da F. de Costa; *Os ministros do inferno*, valsa arranjo de João Falstaff.

E. Bevilacqua & C. *Les Revirames*, danse nouvelle, musique de Henri Van Gael.

